

# PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS:

## Uma Questão de Gênero e Diversidade Sexual na Educação Contemporânea

JOSÉ CUNHA LIMA\*  
ISABELA ALMEIDA CUNHA\*\*

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo realizar uma reflexão e/ou discussão, a partir dos conteúdos produzidos pelo Ministério da Educação (MEC) com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2001), e das ideias desenvolvidas pela Secretaria de Políticas para as Mulheres, e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Ações sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM) grupo ligado à UFPB, referentes às temáticas das relações de gênero e diversidade sexual na contemporaneidade. Levando em consideração a análise destas tendências diante das propostas de constituição da identidade feminina e masculina no espaço da socialização dos alunos no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Gênero; Diversidade Sexual; PCNs.

### ABSTRACT

This article aims to make a reflection and/or discussion from the experiences implemented by the Ministry of Education (MEC) with the National Curriculum Parameters (PCNs, 2001), and the ideas developed by the Secretariat on Policies for Women, and the Center of Interdisciplinary Studies and Actions on Women and gender and gender Relations (NIPAM) group linked to UFPB, relating to issues of gender relations and sexual diversity in contemporary times. Considering the analysis of these trends on the proposed constitution of the feminine and masculine identity in the space of socialization of students at school.

**Keywords:** Gender; Sexual Diversity; PCNs.

\* Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – (2008). Especialista em História Cultural pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – (2011). Professor do ensino fundamental do município de Araruna – PB. Email: jscunhalima@hotmail.com

\*\* Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – (2011). Professora do ensino fundamental do município de Riachão – PB. Email: bela\_2riachao@hotmail.com

---

---

Estudar o conceito de gênero, atualmente oferece uma ótica mais atenta para determinados acontecimentos históricos, filosóficos e educacionais. A diferenciação entre gênero e sexualidade foi bastante explorada e analisada nos estudos acadêmicos como um campo temático vastíssimo desde a década de 1980. Segundo Joan Scott<sup>1</sup> relata, aqueles que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história. O início desse debate ocorreu de maneira mais aprofundada com os estudos da filósofa francesa Simone de Beauvoir<sup>2</sup> nos anos de 1950<sup>3</sup>, e nos anos de 1970 com a historiadora norte-americana Joan Scott.

Sendo assim, torna-se importante a definição do termo gênero, que não é sinônimo de sexualidade. Pois segundo Barreto e Araújo (2009) gênero é um conceito formulado nos anos de 1970 com profunda influência do pensamento feminista. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

Sexualidade e gênero são dimensões diferentes que integram a identidade pessoal de cada indivíduo. Ambos surgem, são afetados e se transformam conforme os valores sociais vigentes em uma dada época. São partes, assim, da cultura, construídas em determinado período histórico, ajudando a organizar a vida individual e coletiva das pessoas. Em síntese, é a cultura que constrói o gênero, simbolizando as atividades como masculinas e femininas<sup>4</sup>.

Já o conceito de sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da sua vida e engloba sexo, identidade e papel de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. A sexualidade pode envolver todas estas dimensões, mas nem sempre todas são vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada por uma interação de fatores de ordem biológica, psicológica, social, econômica, política, cultural, ética, legal, histórica, religiosa e espiritual<sup>5</sup>.

Sendo assim, essas discussões contemporâneas fazem parte das construções relativas às práticas sexuais que estão inscritas nas relações de gênero, mas também revelam símbolos que socialmente vão conferindo forma a determinadas diferenças que ilustram o feminino e o masculino em culturas diversas, - e também limitavam a apenas a dois gêneros. Fica claro que não relataremos o conceito do terceiro gênero presente no hinduísmo.

Para Ferreira<sup>6</sup> Gênero é a forma cultural elaborada socialmente, que baseia-se na diferença sexual tomada em cada sociedade, e que manifesta nos papéis e/ou status atribuídos a cada sexo e constitutivos levando em consideração cada identidade sexual dos indivíduos. Ou seja, essa é a versão 'tradicional' de gênero. "O termo gênero, por sua vez, faz referência a uma construção cultural: é uma forma de enfatizar o caráter social e,

---

1 SCOTT, Joan. *Gênero uma Categoria útil de Análise Histórica*. Recife: SOS Corpo, 1993.

2 Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Sua obra mais conhecida é o livro "O Segundo Sexo". É considerada uma das maiores representantes do pensamento existencialista francês. Fonte: BAIR, Deirdre. *Simone de Beauvoir*. Trad. Marie - France de Paloméira. Paris: Fayard, 1991.

3 BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Trad. Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

4 BARRETO, Andrea; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete. *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/res em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnicas - Raciais*. Brasília: SPM, 2009, p.3, texto 02.

5 *Idem*, p. 2

6 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio: O dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, 2000, p.980.

portanto, histórico, das concepções baseadas nas percepções das diferenças sexuais”<sup>7</sup>.

Gênero trata da construção social da diferença sexual. Quando adotamos a perspectiva de gênero, estamos pensando nas maneiras como as sociedades entendem, por exemplo, o que é “ser homem” e “ser mulher”, e o que é que consideram “masculino” e “feminino”. Tratamos essas noções como conceitos históricos<sup>8</sup>.

Por sua vez, algumas diferenças vão demarcar espaços; influenciar atitudes e práticas determinadas, no exercício do prazer ou da busca sexual, definido apenas como feminino e masculino, a partir de corpos que “funcionam” de forma diferente, na sua vinculação ao campo biológico. Sendo assim, “o conceito de gênero também nos ajuda a compreender o modo de organização da vida social, tanto no espaço público quanto na esfera privada”<sup>9</sup>.

E a escola é um dos lugares onde essas pressões, expressões e discussões se manifestam com mais intensidade, por se tratar de um contexto privilegiado de aprendizado de convivência social, cultural, religiosa e de gênero; voltadas para o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, de modo a compreender a diversidade em suas variadas formas.

### Os PCNs<sup>10</sup> e as Relações de Gênero na Educação

Vejamos o que dizem os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs), documento norteador da educação no Brasil sobre o termo gênero : “O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social”<sup>11</sup>.

A partir daí surgem termos como passivo e ativo, romântico e “sexualizado”, demarcando-se territórios muito rígidos e identidades fechadas para homens e mulheres. São estas demarcações que constroem significados para o masculino e feminino, transitam permanentemente entre um e outro sujeito de sexos diferentes.

Como um dos primeiros aspectos ligados ao gênero na escola, constatamos que o relacionamento dos alunos entre si evolui do agrupamento espontâneo das crianças em “clubes do Bolinha e da Luluzinha”, passando pelas amizades “exclusivas” (em geral do mesmo sexo), até a aproximação entre meninos e meninas, determinada pela busca do conhecimento do outro. Com a puberdade há maior entrosamento e atração entre eles. Essa aproximação não se dá sem conflitos, medos e por vezes agressões de diferentes intensidades<sup>12</sup>.

O debate neste campo teórico provoca um questionamento dos lugares, das

7 PINSKY, Carla B. (org.). *Novos Temas nas Aulas de História: Gênero*. São Paulo: Contexto, 2010. p.30. 8 *Idem*, p.31.

9 BARRETO & ARAÚJO, *op.cit.*, p.1, texto 05.

10 Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são a referência básica para a elaboração das matrizes de referência. Os PCNs foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Eles traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender. Fonte: BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros*. Brasília: MEC/SEF, 2001a.

11 BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais*. Brasília: MEC/SEF, 2001, p.321.

12 PCNs, *Idem*, p.322.

---

---

práticas sociais, políticas e econômicas, ampliando a possibilidade de ação para indivíduos de ambos os sexos em várias dimensões da vida cotidiana. Pois, entre tantas marcas, ao longo dos séculos, a maioria das sociedades vem estabelecendo a divisão masculino/feminino como uma divisão primordial. Uma divisão usualmente compreendida como primeira, originária ou essencial e, quase sempre relacionada ao corpo<sup>13</sup>.

Entretanto, como as mulheres vêm, historicamente, se apresentando numa situação mais vulnerável, diante dos mecanismos de poderes instituídos, medidas de apoio a sua autonomia, como as políticas de ação afirmativa, no campo do trabalho e da política e, algumas mais timidamente, no campo da educação, foram aplicadas. Por isso que os novos conceitos de gênero são importantes, como deixa claro os PCNs:

O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero<sup>14</sup>.

Uma das medidas mais conhecidas, na educação do Brasil, apresentadas recentemente, foi à publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs), em 2001, cuja parceria com a área da Educação foi estratégica na abordagem do problema do gênero como uma possível política afirmativa nesta área, visto que, coloca em debate o problema da hierarquização na relação entre meninos e meninas, apontando situações desfavoráveis para estas últimas.

Mas, muitos pesquisadores das relações de gênero tendem a rejeitar os PCNs, criticando o enfoque priorizado: o da sexualidade, em detrimento do enfoque do gênero, bitolado a leitura biologizantedotema, o que vem sendo intensivamente questionando. Como narra Barreto e Araújo:

As precondições biológicas não produzem, por si mesmas, os comportamentos sexuais, a identidade de gênero ou a orientação sexual. Elas formam um conjunto de potencialidades que só adquirem sentido e eficácia por meio da socialização e do aprendizado das regras culturais. Por isso, não existe um corpo universal, mas sim corpos marcados por experiências específicas de classe, de etnia/raça, de gênero, de idade<sup>15</sup>.

A proposta segundo os PCNs tenderia a reduzir o problema e colaborar para reforçar a diferença entre meninos e meninas com base no enfoque biológico, localizado “genitalmente”, e essencializar comportamentos por meio de um discurso ‘naturalizante’ das diferenças. Por isso que, as convenções relativas ao gênero podem variar segundo a cultura, a classe social e o momento histórico. A cultura ocidental moderna privilegia a diferença sexual como suporte primordial e imutável da identidade de gênero<sup>16</sup>.

Apesar das críticas revelarem a importância de uma reflexão com base nos estudos de gênero e o avanço no questionamento do modelo binário no trato deste problema, faz-se necessário salientar o fracasso da implantação de tema transversal dos PCNs por causa da ausência de professores-pesquisadores dos novos pressupostos de gênero.

---

13 LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: Ensaios sobre Sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.76.

14 PCNs, 2001, p.321 – 322.

15 BARRETO & ARAÚJO, *op.cit.*, p.2.

16 *Idem*, p.1, texto 05.

Segundo Louro<sup>17</sup>, O desafio para educadoras e educadores é adotar um olhar reflexivo sobre esses preconceitos e as situações de desigualdades que eles geram, para ser capaz de abordar tais questões na sala de aula. Pois a compreensão do termo gênero segundo os Parâmetros, ainda está sendo explicada nas suas origens, principalmente no modelo binário (masculino-feminino) e não sugere a possibilidade de práticas sexuais futuras com pessoas do mesmo sexo. Não inserindo assim, possíveis transições entre feminino e masculino numa realidade marcada pela homofobia e valores muito rígidos calcados em religião e valores patriarcais de muitas famílias.

A homofobia é um fenômeno largamente presente no ambiente escolar brasileiro. Muitas e muitos adolescentes e jovens relatam ter sido marginalizadas/os por educadores/as ou colegas devido à sua sexualidade. Pesquisas recentes revelam que é bastante alta a expressão de ideias e de imagens homofóbicas, bem como atitudes de intolerância para com a homossexualidade entre estudantes no ambiente escolar, notadamente entre os rapazes. Perante tais evidências, a contenção à discriminação, do respeito às diferenças e da valorização das diversidades na escola<sup>18</sup>.

Investir exatamente na distinção do que é gênero e do que é sexualidade, resgatando a reflexão das amarras iniciais do preconceito, evitando começar pelo campo mais belicoso, o da sexualidade, e pelo questionamento, em um primeiro plano do modelo binário. Todavia, temos que ter a noção, segundo Butler<sup>19</sup>, de que os corpos são marcados social, simbólica e materialmente, pelo próprio sujeito e pelos outros. É pouco relevante definir quem tem a iniciativa dessa ‘marcação’ ou quais suas intenções, o que importa é examinar como ocorrem esses processos e os seus efeitos, na sociedade.

Em um primeiro momento, o que esses novos conceitos nos trazem uma questão libertadora – a superação da hierarquia entre homens e mulheres, com a valorização do masculino em detrimento do feminino. “Isto significa que o conceito de corpo inclui, além das potencialidades biológicas, todas as dimensões psicológicas, sociais e culturais do aprendizado pelo qual as pessoas desenvolvem a percepção da própria vivência”<sup>20</sup>.

Nesta perspectiva, o fato de pessoas buscarem o prazer sexual com pessoas do mesmo sexo ou de sexo diferente não seria o foco do debate dos PCNs, e sim garantir uma identidade escolhida com base numa harmonização das características manipuladas simbolicamente em feminino e masculino, sem hierarquias ou preconceitos.

Por isso, o campo de estudos de gênero só tem a colaborar para esta situação avançar. Quando estabelece a distinção entre sexualidade e gênero evidencia que o corpo biologicamente definido não esgota possibilidades de ação, e as aspirações projetadas pelas múltiplas aptidões não são definidas pela natureza, mas adquiridas por meio de processos ou de construção de estímulos culturais e sociais que oferecem mais ou menos recursos para que determinados interesses sejam alcançados ou desejados. Louro<sup>21</sup> ratifica essa ideia dizendo que as marcas de gênero e sexualidade, significadas e nomeadas no contexto de uma cultura, são também cambiantes e provisórias, e estão, indubitavelmente, envolvidas em relações de poder.

---

17 LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

18 BARRETO & ARAÚJO, 2009, p.2, texto 08.

19 BUTLER, J. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo” In: LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p182.

20 *Idem*.

21 LOURO, 2004, p.82.

Sobre isso os teóricos ligados ao NIPAM<sup>22</sup> têm os seguintes conceitos: se o gênero é socialmente construído por nós no cotidiano da família, da escola, da rua, na mídia, então parte-se do pressuposto de que essas convenções sociais podem ser transformadas, ou seja, discutidas, criticadas, questionadas, modificadas em busca da equidade social entre homens e mulheres, do ponto de vista do acesso a direitos sociais, políticos e civis. Educadores e educadoras têm a possibilidade de reforçar preconceitos e estereótipos de gênero, caso tenham uma atração pouco reflexiva sobre as classificações morais existentes entre atributos masculinos e femininos e se não estiverem atentos aos estereótipos e aos preconceitos de gênero presentes no ambiente escolar<sup>23</sup>.

Entretanto, ainda não foi possível superar a reprodução muito rígida (seculares) dos lugares de meninos e meninas, de classificação com base nos estereótipos de gênero para atividades mais ou menos “apropriadas” para as crianças de sexos diferentes. A questão de gênero se coloca em praticamente todos os assuntos trabalhados pela escola, nas diferentes áreas. Estar atento a isso, explicitando sempre que necessário, é uma forma de ajudar os jovens a construir relações de gênero com equidade, respeito pelas diferenças, somando e complementando o que os homens e as mulheres têm de melhor, compreendendo o outro e aprendendo com isso a ser pessoas mais abertas e equilibradas<sup>24</sup>.

A concepção do gênero como uma forma de desconstruir relações de dominação entre homens e mulheres, superação da desqualificação de um em favor do outro e da quebra da integração possível entre o masculino e o feminino. A perspectiva favorável seria inverter a tendência observada nos PCNs, e começar, neste momento em que a concepção de gênero está mais disseminada (embora ainda incompreendida), para este debate iniciar. Assumindo esta direção, seria possível recuperar a condução a ser dada no processo de desconstrução das hierarquias de gênero.

Portanto, explorar os mecanismos cotidianos de constituição do que é feminino e masculino, incentivando com isso uma flexibilização permanente destes espaços quanto a potencialidades individuais para a realização de projetos, incluindo a satisfação ou a compreensão sexual e de gênero, mas que não se esgotam neles. Lembrando que segundo Britzman:

Os corpos considerados ‘normais’ e ‘comuns’ são, também, produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos. Nós também nos valem de artifícios e de signos para nos apresentarmos, para dizer quem somos e dizer quem são os outros<sup>25</sup>.

22 Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação Sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero - NIPAM, unidade suplementar subordinada ao Centro de Educação-CE, é um órgão de apoio ao ensino de graduação e da pós-graduação, de acordo com o disposto nos artigos 114 e 118 do Regimento Geral da UFPB. O NIPAM tem como finalidades: I - contribuir para a formação de uma consciência crítica acerca das relações de sexo e gênero; II - estimular e realizar pesquisas interdisciplinares sobre a condição feminina e masculina e as relações de gênero; III - desenvolver ensino sobre a temática das relações de sexo e gênero, através da promoção de cursos, seminários, oficinas e outras atividades afins, em colaboração com demais unidades de ensino, pesquisa ou extensão, da graduação ou da pós-graduação da UFPB, assim como com outras instituições afins; IV - manter um centro de documentação e memória sobre as relações de sexo e gênero e, em particular, relativamente às mulheres paraibanas; V - divulgar e publicar resultados de estudos sobre a temática das relações de sexo e gênero e, em especial, sobre as questões da mulher; VI - desenvolver atividades de assessoria e consultoria junto a grupos de trabalho, associações da comunidade, bem como quanto a órgãos e entidades que desenvolvam programas relacionados à temática do Núcleo; VII - fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas que visam à melhoria das relações de sexo e gênero e da condição feminina em especial, VIII - participar de eventos nacionais e internacionais sobre a temática específica do NIPAM. Fonte: <http://www.ufpb.br/sods/consuni/resolu/2003/Runi102003.htm>. Acesso em 25 de janeiro de 2016. As 21 horas e 38 minutos.

23 BARRETO & ARAÚJO, *op. cit.*, p.1, texto 04.  
24 PCNs, 2001, p.323.

25 BRITZMAN, D. “Curiosidade, Sexualidade e Currículo” In: LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.87.

Para isso, a concepção de prazer pode ser recuperada como um elemento importante na constituição de valores e relacionamentos, tendo como referências o masculino e o feminino simetricamente. “Esses modelos de comportamento sexual e social podem se tornar verdadeiras prisões ou fontes de agudo sofrimento quando os rapazes e as moças não se encaixam nos estereótipos de gênero previamente designados”<sup>26</sup>.

Entretanto, o gênero é uma pauta muito recente se considerarmos do ponto de vista histórico. Os valores morais associados a este tema ainda estão extremamente arraigados na cultura e naturalizados por meio da influência científica do campo biológico. Mas sabemos que o corpo, paulatinamente o gênero, não é simplesmente uma realização da natureza como lago pronto e acabado. Ele é inconstante, mutável e dinâmico. Suas necessidades e seus desejos se alteram ou não com a passagem do tempo.

E as identidades sexuais e de gênero produzem-se em meio a arranjos dinâmicos de relações sociais e significados culturais. Elas podem ser mais ou menos duráveis, variando de caso a caso, e certamente estão sujeitas a uma variedade de contingências e influências. Como descreve Stuart Hall:

Ao invés de tomar a identidade como um fato que, uma vez consumado, passa em seguida a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está continuamente em processo e é sempre constituída interna e não extremamente à representação<sup>27</sup>.

Portanto, a dificuldade de implantação ou aprofundamento dos PCNs neste tema transversal (gênero e diversidade sexual), certamente, enfrentaria maiores dificuldades educacionais. Então temos que levar em consideração, que na perspectiva dos estudiosos do gênero que observam as dificuldades de “operacionalização” de novos valores num campo tão complexo como este, o fato das relações de gênero terem sido incluídas como um conteúdo explícito deste material pode ser considerado uma grande vantagem. O que dá sustentabilidade à sexualidade e terá como consequência o cuidado que o indivíduo experimenta com o seu corpo e consigo mesmo será o gênero não hierarquizado – o feminino e o masculino como imagens simbólicas que não significam prejuízo ou desqualificação para ninguém sob nenhuma hipótese.

Nas questões mais diretamente ligadas à sexualidade humana, a perspectiva de gênero está inevitavelmente presente. É preciso até fazer esforço para poder ignorá-la. O que esta proposta pretende é que se aborde o tempo todo, a perspectiva de gênero nas relações, na vivência da sexualidade, explicitando e buscando formas mais criativas nos relacionamentos sexuais e amorosos. Toma-se como exemplo a discussão do tema da homossexualidade. Muitas vezes se atribui conotação homossexual a um comportamento ou atitude que é expressão menos convencional de uma forma de homem ou mulher. Pois em cada período histórico e em cada cultura, algumas expressões do masculino e do feminino são dominantes e servem como referência ou modelo, mas há tantas maneiras de ser homem ou mulher quantas são as pessoas. Cada um tem o seu jeito próprio de viver e expressar sua sexualidade. Isso precisa ser entendido e respondido pelos jovens<sup>28</sup>.

---

26 BARRETO & ARAÚJO, *op.cit.*, p. 2, texto 04.

27 HALL, Stuart. “Identidade Cultural e Diáspora” In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.º 24, 1996. p. 68.

28 PCNs, 2001, p.325.

---

---

Por isso, é necessário explorar mais e divulgar com trabalhos o tema: gênero e diversidade sexual e seus novos conceitos. Então gênero deve assumir uma categoria analítica, favorecendo a identificação de situações onde as relações de gênero, e colaborar para desconstruir os mecanismos que estabelecem a hierarquia entre masculino e feminino e, buscarmos sempre o respeito ao outro e as novas formas de gênero.

### **Considerações Finais**

A diversidade de orientação sexual e de identidades de gênero não pode e nem deve ser determinada biologicamente como estabelece os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pois esta classificação favorece a discriminação e ignora o caráter fluido do desejo humano. Entretanto, em nossa sociedade, o direito de existência e expressão das diferentes possibilidades da sexualidade não é plenamente respeitado, nem aceito.

Pois religiões como a Igreja Católica e os movimentos evangélicos pentecostais persistem em condenar a homossexualidade. Notamos recentes avanços quando o Papa Francisco declarou: “Se uma pessoa é gay, procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”.

Para os que se “desviam” da norma heterossexual restam poucas alternativas: ou o silêncio e a dissimulação, ou a humilhação pública, a segregação e a violência, que só aumenta contra os homossexuais. Emergindo com isso, a homofobia, que é o termo usado para se referir ao desprezo e ao ódio às pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual<sup>29</sup>.

Por fim, sabemos que o processo de socialização é desenvolvido na infância e na adolescência, servindo com isso para a construção da identidade de gênero e sexual, promovendo a partir daí a quebra desses preconceitos. Porque definir alguém como homem, mulher ou homossexual, ou seja, a partir do gênero biológico, sexual e/ou não, “significa, pois, necessariamente, nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura – com todas as consequências que esse gesto acarreta: a atribuição de direitos e deveres, privilégios e desvantagens”<sup>30</sup>.

E a escola tem grande responsabilidade no processo de formação dos cidadãos e cidadãs conscientes, para aceitar as diferenças de todos os tipos, questionando as desigualdades daí decorrentes. Por isso é importante que os docentes estejam sempre se atualizando sobre esses temas contemporâneos. Pois somos formadores de opinião e exemplo para os nossos alunos.

---

29 *Idem*, 2009.

30 LOURO, 2004, p.89.